

ARTIGOS

A Comissão de Cultura e Extensão Universitária: Nota Informativa

IVÃ CARLOS LOPES
GILIOLA MAGGIO

No vasto campo abarcado pela Cultura e Extensão Universitária, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP promove inúmeros cursos e eventos, oferecendo aos interessados um leque muito amplo de matérias. São bastante conhecidos e procurados, por exemplo, os cursos de línguas estrangeiras abertos à comunidade, utilizados ainda como laboratório para pesquisas de TGI, Iniciação Científica, Pós-Graduação, criando, dessa forma, uma interface entre a Graduação, a Pós-Graduação e a Cultura e Extensão. É preciso saber, ademais, que os Departamentos propõem disciplinas tão variadas quanto, numa amostra rápida, o contato entre o hebraico e o árabe através dos séculos, a questão indígena no Brasil, a história e a cultura do povo armênio, introdução aos estudos da África, semiótica do discurso, língua e cultura catalã, paleografia, cinema russo, pensamento judaico antigo e medieval, capacitação em negociações internacionais, fundamentos metodológicos da tradução, aramaico bíblico, cerimônia japonesa do chá, cartografia digital e tantos outros assuntos a manifestar a riqueza do quadro científico e cultural em que se movimenta a Faculdade.

Muitas vezes, é no âmbito da Cultura e Extensão Universitária que os professores podem exercer especialidades ligadas a sua formação, porém au-

tes das grades curriculares ou apenas lateralmente abordadas. Aí também se organizam cursos concebidos por equipes interdepartamentais e interdisciplinares, temperando em certa medida a compartimentação dos saberes decorrente das divisões administrativas da Universidade e dando ensejo à desejável interação de linhas de pesquisa que o cotidiano dos cursos curriculares mantém separadas. Há um bom tempo, existe uma especial atenção para com o oferecimento de cursos que envolvam os docentes do ensino fundamental e médio.

Data de 1989 a criação da Comissão de Cultura e Extensão Universitária da FFLCH-USP, que é hoje uma das quatro comissões estatutárias da Faculdade. Na gestão das atividades pertinentes, suas atribuições, registradas em suas normas internas, são as seguintes:

- I - traçar diretrizes e zelar pela execução dos programas das áreas de cultura e extensão, obedecendo a orientação geral estabelecida pelos Colegiados superiores;
- II - apreciar os programas de cultura e extensão universitária;
- III- propor à Congregação, ouvidos os Departamentos

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR:

Prof. Dr. João Grandino Rodas

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**DIRETORA:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

VICE-DIRETOR:

Prof. Dr. Modesto Florenzano

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Modesto Florenzano (DH), Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araújo (DCP), Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (DF), Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (DLCV) e Sra. Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros (Membro Assessor).

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**COORDENAÇÃO:**

Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica da FFLCH**TIRAGEM:** 1200 exemplares**SUMÁRIO****ARTIGOS**

A COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
NOTA INFORMATIVA 1
Ivã Carlos Lopes, Giliola Maggio

SOBRE DOIS ATAQUES AO SISTEMA DE INFORMÁTICA DA
FFLCH-USP 4

SEGURANÇA DIGITAL DA FFLCH 5
por CAIO PRADO MACEDO

QUESTÕES ÉTICAS NO MEIO DIGITAL NA VISÃO
DO PROF. DR. MILTON MEIRA DO NASCIMENTO 6
por NAYARA SANTANA

ESCLARECIMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES
DA HUMANITAS COM A FFLCH-USP 7
por ANDRESSA FEROLLA CARDOSO

HEGEMONIA NA ATUALIDADE
(Um debate no Lemarx – USP) 8
LINCOLN SECCO

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM O NOVO DIRETOR DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO MARIA ANTONIA, MOACYR NOVAES 11
por NAYARA SANTANA

EVENTOS

RESUMO DA DISCUSSÃO PLENÁRIA
“VALORIZAÇÃO DA GRADUAÇÃO” 13
por ANNA JÚLIA AZAMBUJA E TAARNA MEIRA

1ª COLETIVA DE IMPRENSA “FUTEBOL E ÁFRICA” 14
por ALVARO MARINHO MARQUES

3º SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA
DA CARTOGRAFIA 14
por ALVARO MARINHO MARQUES

ANDAMENTO DA REFORMA DOS PRÉDIOS 15
por ANDRESSA FEROLLA CARDOSO

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO ... 15

PRODUÇÃO DA FACULDADE 16

mentos interessados, os programas de cultura e extensão da Unidade;

IV - coordenar os trabalhos dos Departamentos no que diz respeito aos programas interdepartamentais e à integração dos programas;

V - promover a análise do funcionamento dos programas de cultura e extensão da Unidade;

VI - fomentar e apoiar os programas de cultura e extensão, desenvolvidos pelos alunos de graduação e pós-graduação das Unidades;

VII - propor programas que considerem a cultura na sua dimensão mais ampla;

VIII - propor normas para a ordenação prática de atividades de cultura e de extensão de interesse geral para a Unidade;

IX - exercer as demais funções que lhe forem conferidas pelo Regimento Geral da USP e pelo Regimento da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

A Comissão, composta por docentes indicados pelos Departamentos para um mandato de dois anos, conta atualmente com os seguintes membros:

PRESIDENTE: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes (Departamento de Linguística)

VICE-PRESIDENTE: Profa. Dra. Giliola Maggio (Departamento de Letras Modernas)

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Titular: Profa. Dra. Beatriz Perrone-Moisés
Suplente: Profa. Dra. Dominique Tilkin Gallois

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

Titular: Prof. Dr. João Paulo Cândia Veiga
Suplente: não há

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Titular: Prof. Dr. Osvaldo Frota Pessoa Júnior
Suplente: Prof. Dr. Milton Meira do Nascimento

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Titular: Profa. Dra. Lígia Vizeu Barrozo
Suplente: Profa. Dra. Déborah de Oliveira

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Titular: Prof. Dr. José Antonio Vasconcellos
Suplente: Prof. Dr. Marcelo Aparecido Rede

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Titular: Prof. Dr. José Alcides Ribeiro
Suplente: Prof. Dr. José Horácio de Almeida Nascimento Costa

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Titular: Profa. Dra. Giliola Maggio
Suplente: Profa. Dra. Elisabetta Santoro

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

Titular: Profa. Dra. Arlete Orlando Cavaliere
Suplente: Profa. Dra. Luiza Nana Yoshida

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

Titular: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes
Suplente: Profa. Dra. Norma Discini de Campos

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Titular: Prof. Dr. Ricardo Musse
Suplente: Profa. Dra. Márcia Regina de Lima e Silva

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

Titular: Profa. Dra. Regina Lúcia Pontieri
Suplente: Profa. Dra. Iumna Maria Simon

O Serviço de Cultura e Extensão (www.fflch.usp.br/sce/), sob a chefia de Cristiane Malischesqui Reina, centraliza as ações administrativas, encarregando-se igualmente da divulgação dos cursos e eventos dentro e fora da Universidade.

Também é tarefa da Comissão de Cultura e Extensão da unidade zelar pelo cumprimento, localmente, dos projetos emanados da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo. O Fundo de Cultura da PRCEU-USP respalda financeiramente a efetuação de atividades de variados tipos, com crescente participação, ano após ano, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como se vê no seguinte quadro:

	2005	2006	2007	2008	2009
Número de projetos apoiados pelo Fundo de Cultura e Extensão	9	11	15	21	25

Nesse domínio, deve ser destacado, além disso, o programa Aprender com Cultura e Extensão, implementado pela PRCEU a partir de 2008, que tem apoiado, mediante a concessão de bolsas, um grande conjunto de projetos coordenados pelos docentes e integrados por estudantes de Graduação de todos os Departamentos.

O quadro a seguir resume a evolução, ao longo dos últimos cinco anos, da quantidade de cursos de Extensão realizados na FFLCH-USP, todos os Departamentos incluídos, informando ao mesmo tempo o contingente de alunos contemplado:

	2005	2006	2007	2008	2009
cursos	97	99	78	156	168
alunos	661	8705	6104	8158	5361

Eloquentes em si a respeito da atratividade desses cursos, tais números, no entanto, não dizem tudo. Para além das estatísticas, a experiência tem mostrado que as iniciativas de Cultura e Extensão, ao permitir o acesso da comunidade extraspiana aos temas em debate na Faculdade, trazem do mesmo modo o benefício de pôr os ministrantes em situações novas, diante de públicos heterogêneos cujas demandas e expectativas podem ser diferentes das de nossos estudantes. De resto, essas mes-

mas atividades acabam revelando, frequentemente, vocações para a pesquisa: os docentes já se habituaram, após a realização de tais cursos, a ser procurados por pessoas que neles descobrem um campo de estudo a ser cultivado e que, cedo ou tarde, virão incorporar-se à Iniciação Científica ou à Pós-Graduação. Em todos esses aspectos sobressai a contribuição da Cultura e Extensão para a constante renovação e necessária difusão do conhecimento produzido na universidade pública.

SOBRE DOIS ATAQUES AO SISTEMA DE INFORMÁTICA DA FFLCH-USP:

- 1- Na madrugada entre os dias 19 e 20 de fevereiro do corrente ano, o Site da Faculdade, no qual estão abrigadas todas as teses online, foi indevidamente acessado por um usuário que, criminosamente, alterou e misturou conteúdos de diferentes textos, obrigando assim à suspensão momentânea do Site para as devidas reparações.
- 2- No dia 09 de abril, a Ouvidoria da USP encaminhou à Diretoria da Faculdade um e-mail anônimo (endereçado à Ouvidoria, à Reitoria e às Pró-Reitorias), e postado de três emissores diferentes, com denúncias ao Serviço de Comunicação Social de nossa Faculdade (e a vários Laboratórios de pesquisa) por fazerem uso

de *softwares* piratas, e com acusações, seja à Assistente daquele Serviço, seja à Direção da Faculdade, por permitirem e promoverem tais programas ilegais, além de outras acusações.

- A- A Direção da Faculdade, logo depois do primeiro incidente, imediatamente, tomou as medidas cabíveis, externamente com abertura de um Boletim de Ocorrência junto ao DEIC, e internamente com a abertura de uma Sindicância (depois de solicitar orientação à CJ). Como, enquanto se procedia à constituição dessa Comissão, deu-se o caso do e-mail anônimo, a mesma Comissão assumiu também a investigação sobre esse último caso. Por outro lado, assim que a Direção soube do e-mail

anônimo, procedeu junto às Assistências de Informática e do Serviço de Comunicação Social a uma verificação sobre o suposto uso de *softwares* piratas e obteve o esclarecimento de que tais acusações são infundadas.

B- Todas essas informações foram prestadas pela

Direção da Faculdade ao CTA, à Congregação e à Reitoria, e enquanto se aguardam os resultados das investigações em curso, o *Informe* considera oportuno não só um esclarecimento sobre esses fatos ao conjunto da Faculdade, como uma reflexão sobre as suas eventuais implicações e significados, daí a razão das matérias a seguir.

SEGURANÇA DIGITAL DA FFLCH

POR CAIO PRADO MACEDO

Os computadores são máquinas fundamentais nos processos humanos da atualidade. Sua capacidade de agilizar os procedimentos, por exemplo, é uma característica relevante em um mundo cada vez mais dinâmico e interligado. Neste sentido, pode-se comparar o “email” de hoje à “carta” de antigamente. Além disso, a era digital trouxe mais facilidade de relacionamento, maior abrangência de conexão entre as pessoas e instituições e, de certa forma, maior segurança.

No entanto, ainda assim existem certos pontos que podem atrapalhar a manutenção e o bom desempenho dessas máquinas. Os famosos “vírus” que invadem um número cada vez maior de *softwares* podem atrapalhar o cotidiano do indivíduo ou corporação afetada. São tidos como uma ameaça à conservação de informações confidenciais - podem capturar dados, apagá-los ou simplesmente alterar o funcionamento habitual da máquina.

Não obstante os vírus, outros problemas podem afetar a execução e a segurança digital. Para que nenhum desses problemas afete uma rede, todos os colaboradores devem ter a ciência de que pequenas ações mantêm a segurança ílesa, afastando os possíveis riscos. Não apenas os responsáveis pela TI (Tecnologias da Informação) e pela informática devem estar encarregados de atentar aos problemas digitais. “Às vezes, um funcionário pode tomar uma atitude que, sem pensar, pode prejudicar toda a faculdade”, lembra Augusto César Freire Santiago (Serviço de Informática).

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, por conter muitos laboratórios de apoio, departamentos administrativos e serviços, está fortemente conectada ao

mundo digital. Os serviços são gerados a partir dos *softwares* dos departamentos e todas as informações relacionadas à parte digital estão sob controle do serviço de informática. Segundo Augusto, existem em torno de 1300 equipamentos em toda a FFLCH.

Segundo Eliseu Gouveia (CAPH), os laboratórios não têm autonomia para instalar nenhum programa, tendo que pedir permissão ao serviço de informática para qualquer alteração no sistema. “No Centro de Apoio à Pesquisa de História, nós temos seis computadores, todos sob a observância do setor de informática”, afirma Eliseu.

Eliana Bento da Silva Amatuzzi Barros, coordenadora do Serviço de Comunicação Social, conta que uma das principais medidas de segurança digital está relacionada ao uso de senhas pessoais. Segundo ela, cada usuário dos computadores possui sua senha própria, que é trocada constantemente por medida de segurança e também em casos atípicos, caso surja algum problema, como já ocorrido. Marcelo Gonçalves (LAPEL) confirma essa informação: “O setor de informática instala os programas necessários e cria senhas aos funcionários para que tenham acesso a tais programas”, afirma.

Ao ser perguntado sobre o controle de segurança da parte digital da FFLCH, Augusto informou que a faculdade conta com um programa de antivírus comprado sob os trâmites legais. Segundo ele, todos os computadores estão ligados a uma única rede, o que permite ao Serviço de Informática maior controle sobre o setor digital da faculdade. “Nós temos sempre tentado orientar os funcionários em relação aos computadores, mesmo à instalação de novos softwares, suas licenças etc.”, afirma Augusto.

O Setor de Informática tem controle sobre eventuais instalações de *softwares* ilegais. Apesar do número excessivo de equipamentos, é possível detectar quaisquer problemas: “*nós verificamos com o usuário do equipamento o porquê da instalação daquele software e, se for o caso, procedemos à sua desinstalação*”, conta Augusto. Por esses motivos, dentre outros, tem sido propagado o incentivo à instalação de

softwares livres, sobretudo por uma questão de segurança.

A interação entre os colaboradores no quesito “segurança digital” é uma ferramenta eficiente para que se propaguem todas as medidas de prevenções em relação aos computadores. Ações como a constante troca de senhas ou busca por softwares livres previnem a ocorrência de eventuais problemas e mantêm a ordem na parte digital da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

QUESTÕES ÉTICAS NO MEIO DIGITAL NA VISÃO DO PROF. DR. MILTON MEIRA DO NASCIMENTO

POR NAYARA SANTANA

O contexto atual da globalização e expansão do mundo digital se caracteriza pela ampliação das redes e fluxos cada vez maiores de informações e incremento do processo de comunicação. Essa dinâmica favorece imensamente a difusão de dados, integração de pessoas, intercâmbio de ideias e dá suporte para a gestão de conhecimento, porém esbarra em barreiras tênues relacionadas a direitos e liberdades individuais e coletivas na internet.

Por se tratar de um fenômeno relativamente novo, as regras, padrões e convenções morais se encontram nebulosos, pois ainda não há uma constituição formal específica para abordar delitos no mundo digital como golpes financeiros, difusão de conteúdos impróprios, apologias a crimes e difamações.

O professor do departamento de Filosofia da área de Ética e Filosofia Política da FFLCH-USP, Milton Meira do Nascimento, diz, a respeito do panorama das questões éticas no mundo digital, que o sistema estruturado de regras regentes da sociedade em geral deve balizar também as relações na rede, ou seja, as regras que pautam o conceito de certo e errado em outras instâncias da vida devem ser transportadas para a Internet.

Porém o cenário em que se insere a Internet é muito mais complexo e sinuoso, pois envolve múltiplos direitos individuais que devem gozar de liberdade de expressão e direito de privacidade. O emissor deveria ter a consciência moral de se responsabilizar pelo conteúdo gerado: “*a regulamen-*

tação da Internet não pode significar o cerceamento da liberdade de expressão, da censura ou de qualquer controle que se fundamente num princípio autoritário, uma imposição de caráter ideológico, político ou religioso”, segundo Nascimento.

Um aspecto que favorece muito as práticas ilegais na Internet é a complacência que ela possibilita em relação ao anonimato. Como há maior facilidade em esconder a identidade, o mundo digital acaba se tornando campo fértil para esse tipo de ação. Então para preencher essa lacuna, na falta de regras escritas e consolidadas, uma medida paliativa é adotar para a Internet a ética social convencional; “*se as regras ali ainda não estão escritas, elas têm, mesmo assim validade, de tal modo que, qualquer cidadão, ou instituição, ao se ver atacado injustamente por acusações infundadas ou por calúnias, pode, perfeitamente, agir rapidamente, por intermédio da justiça comum, para se proteger*”, afirma Nascimento.

Dessa forma, utilizar o anonimato para cometer crimes e calúnias é passível de penalidade, pois apesar de não estarem previstas penas específicas para crimes virtuais, existem leis para crimes convencionais como calúnias e difamações, que estão na Constituição. A problemática dos crimes virtuais também tem outro agravante, a rapidez com que as informações se espalham, uma informação errônea se dissemina de forma muito rápida o que aumenta o impacto das notícias, podendo influenciar a opinião pública e assim “*uma falsidade começa a ser veiculada como verdade e será difícil reverter o processo*

com a mesma velocidade com que foi desencadeado”, assinala Nascimento.

Como o mundo virtual se caracteriza pela falta de regulamentação vale salientar que o comporta-

mento adequado deve ser pautado segundo as normas éticas que são aceitas de forma tácita por outras esferas sociais, assim todo indivíduo, organização ou instituição que seja lesado por crimes virtuais pode recorrer à justiça comum para se proteger.

ESCLARECIMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES DA HUMANITAS COM A FFLCH-USP

POR ANDRESSA FEROLLA CARDOSO

Com a finalidade de responder à infundada denúncia anônima sobre a existência de irregularidades nas relações da Associação Editorial Humanitas (AEH) com a Universidade de São Paulo, divulgada via e-mail no mês de abril deste ano, o Prof. Dr. Mario Miguel González, Presidente da AEH no biênio 2008-2010 e atual Vice-Presidente, esclareceu diversas questões à nossa redação.

Em 30 de junho de 2008 foi proposta, através de um ofício ao então Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, Prof. Dr. Gabriel Cohn, a continuidade da colaboração da AEH com a FFLCH, visando à publicação de sua produção intelectual.

Segundo o professor González, o ofício foi levado pelo Diretor da FFLCH à consideração do Conselho Técnico Administrativo (CTA) na reunião do dia 11 de setembro de 2008. A proposta, depois de debatida também com o presidente da AEH, mereceu um voto de confiança do CTA, aprovado por unanimidade, com apenas a abstenção do representante discente, que não se manifestara durante o debate. Previamente, a AEH havia procedido à reforma do seu estatuto, no intuito de estabelecer uma clara separação legal entre a entidade, como pessoa jurídica, e a FFLCH.

De acordo com González, o setor administrativo da AEH, por falta de outro local, precisou ficar confinado a um espaço extremamente reduzido, *“generosamente cedido pela Discurso Editorial, na sala 11 do Prédio de Filosofia e Ciências Sociais. Mas a exiguidade do local impediu manter a contratação de uma funcionária para o setor de distribuição e comercialização”,* afirma González. O quadro foi agravado em 2009, quando a Discurso Editorial in-

formou a contratação de mais funcionários, fato que impossibilitou que a AEH continuasse a utilizar tal espaço. Com base em acordo verbal com a atual Diretora da FFLCH, Profª Drª Sandra Margarida Nitri, foi então cedido à Humanitas o uso de um espaço de 15 m² para duas funcionárias, no local, ora ampliado, onde funciona o Serviço de Editoração e Distribuição da FFLCH, *“Serviço com o qual a AEH colabora graciosa e diretamente”,* comenta González. Dessa maneira, em março de 2010, a administração da Humanitas passou a funcionar na Rua do Lago, 717, em espaço anexo ao mencionado Serviço da FFLCH.

A legalização da situação aconteceu no dia 15 de abril de 2010, quando o então ainda Presidente da AEH assinou o “termo de cessão de espaço”, que está sendo submetido às autoridades da USP para que possa ser assinado igualmente pelo Reitor da Universidade. *“O fato não significa em modo algum o retorno ao antigo sistema que subordinava o Serviço de Editoração e Distribuição da FFLCH e seus funcionários à presidência da Humanitas. Pelo contrário, foi tomado o devido cuidado para que as competências relativas ao público (FFLCH) e ao privado (Humanitas) ficassem claramente diferenciadas”,* esclarece González.

O atual Vice-Presidente da AEH, explica, ainda, que está em andamento a solicitação de uma linha telefônica própria para Humanitas, que será instalada no local. *“A totalidade dos móveis e aparelhos a serem utilizados nesse local deverão ser de propriedade da Humanitas. O espaço ocupado pela Humanitas será devidamente identificado”,* anuncia González. *“Estatutariamente, a única finalidade da Humanitas (entidade sem fins lucrativos formada por docentes da FFLCH) é a*

de colaborar com a FFLCH para a publicação de sua produção acadêmica, o que vem sendo feito com grande sucesso há sete anos. Pelo estatuto, nenhum dos seus associados pode usufruir de benefícios em função de sua atuação na Associação”, salienta o professor.

Dessa forma, verifica-se que as acusações feitas anonimamente, via email, sobre possíveis ilegalidades nas relações entre a Humanitas e a FFLCH, não apresentam fundamento e que a Humanitas está legalmente instalada no espaço que ocupa, sem nenhum ônus para a Faculdade ou para a Universidade.

HEGEMONIA NA ATUALIDADE (UM DEBATE NO LEMARX – USP)¹

LINCOLN SECCO
(PROFESSOR DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA NA FFLCH-USP)

O Laboratório Marx da FFLCH – USP entra em mais um ano de atividades, organizando agora o III Colóquio Marx e os Marxismos, neste mês de maio de 2010.

Muitos dos debates internos, movidos por alunos e professores interessados numa leitura atualizada da obra de Marx repercutiram especialmente os artigos de impacto produzidos na nossa Faculdade recentemente, como os de Francisco de Oliveira (A hegemonia às Avessas²) e André Singer (Raízes Ideológicas do Lulismo³).

Já na última reunião do ano passado (24 de novembro de 2009), iniciou-se um ciclo de debates em que a questão da atualidade do conceito gramsciano de hegemonia assumiu centralidade.

A recente globalização do espaço econômico mundial, com um novo regime de acumulação poupador de mão de obra, empresas fragmentadas em rede, sindicatos enfraquecidos ou domesticados e partidos de esquerda reduzidos a máquinas eleitorais teriam transformado alguns conceitos gramscianos?

SOCIEDADE CIVIL

A sociedade civil é, grosso modo, um conceito explicativo da função e do espaço ocupados pelos partidos, igrejas, jornais, intelectuais orgânicos etc. Embora estas instituições privadas de hegemonia tivessem, em certos casos, uma sustentação financeira privada, o que os caracterizava era o fato de serem correntes de opinião. A sociedade civil não era só um espaço de mercado.

O declínio da atividade pública reduziu aquelas instituições ao mercado. Seja o mercado eleitoral, religioso, editorial etc. Pequenos grupos não foram subsumidos a este processo, mas a política é comandada por grandes corporações. Além disso, o ócio dos trabalhadores tornou-se um negócio para a indústria cultural e a afluência aos sindicatos e organizações culturais do partido deixou de ser uma forma de sociabilidade de classe não capitalista. E por fim, a distinção entre intelectual orgânico e tradicional tende a se desmanchar, posto que os espaços que são sobrevivências de modos de produção anteriores (igreja, Universidade) em boa parte se mercantilizaram.

Se a sociedade civil se mercantilizou a este ponto, o conceito de hegemonia permanece válido?

HEGEMONIA

A hegemonia só mantém sua operacionalidade numa sociedade civil complexa e articulada por valores e não só pelo capital. Ora, o grupo que detém a hegemonia deixa aberto um espaço para a sua própria contestação.

¹ Este texto é fruto da intervenção do autor no debate no Laboratório Marx da USP (LeMarx), cujo expositor foi Alessandro Octaviani (Pesquisador da Faculdade de Direito da USP). Durante as discussões, vários alunos, além dos professores Ricardo Musse, André Singer, Bernardo Ricupero e Ruy Braga se manifestaram.

² Revista Piauí, São Paulo, fevereiro de 2007.

³ André Singer, “Raízes ideológicas do lulismo”, Revista Cebrap, n. 85, São Paulo, dezembro de 2009.

A hegemonia gramsciana nos *Cadernos do Cárcere* é um tipo de direção consensual sobre os que *aceitam* ou *consentem*, e inclui uma dimensão coercitiva sobre os que se *recusam*, ou seja, os que extrapolam os meios de oposição considerados legítimos pelo grupo hegemônico; mas essa dimensão é episódica e, normalmente, a hegemonia se resume num tipo de dominação que é predominantemente (ainda que não inteiramente) consensual. Pode ser entendida também apenas como relação consensual entre grupos que estão fora do poder.

A hegemonia é a capacidade de liderar os grupos subordinados dentro de um quadro no qual estejam assegurados os interesses fundamentais dos dirigentes; os dirigidos sintam como suas as pretensões do grupo dirigente; e os dirigidos incorporem suas próprias pretensões no ordenamento jurídico existente como acentua Alessandro Octaviani⁴. O grupo dirigente também faz sacrifícios parciais de ordem corporativa, já que muitas vezes os interesses dos dirigidos que serão absorvidos pelo ordenamento jurídico existente se chocam com interesses corporativos dos grupos dirigentes.

A CRÍTICA

Depois das reflexões inovadoras de Francisco de Oliveira, muitos têm se questionado se o conceito de hegemonia perdeu eficácia nos anos 90 com o triunfo do neoliberalismo. Este seria totalitário e não abriria brecha para sua contestação. Além disso, não seria integrador e renunciaria à universalidade.

Sem precisar aceitar o conceito de totalitarismo, cabe repensar a hegemonia numa situação em que:

1. O neoliberalismo exclui as pessoas do processo produtivo;
2. Há o enrijecimento do orçamento público e a “naturalização” da economia de mercado capitalista, o que limita o espaço da política (pense-se na autonomia de bancos centrais);
3. Não seriam mais os dominados que consentiriam,

mas os dominantes que aceitariam ser conduzidos moralmente (e politicamente) desde que não se questione a exploração capitalista.

É evidente que escaparia a uma tal análise as formas bastardas em que a ordem social incorpora os “excluídos”. Se eles são expulsos do processo produtivo, retornam através do consumo (via crédito popular e políticas sociais compensatórias). Sem sociedade civil civilizada e sem fábrica fordista, a inclusão se faz pelo mercado de consumo e não mais pelo mercado de trabalho⁵, embora o Governo Lula tenha ido muito além de políticas deste tipo, promovendo o emprego e o aumento do poder aquisitivo dos assalariados.

Quanto à limitação do espaço da política, é preciso considerar os grandes períodos de nossa história e como a grande política impõe valores que são aceitos mesmo pelos que se opõem. Eles se tornam sujeitos da sua própria sujeição mantendo o núcleo duro da Ordem e incorporando a ela seus interesses corporativos. Ou seja, o que deveria ser feito pela classe dominante num capitalismo “social” ou reformado, é precisamente feito pelos próprios representantes dos trabalhadores.

Poderíamos lembrar aqui da distinção gramsciana entre Grande e Pequena política. O mais influente político italiano do primeiro quartel do século XX, Giolitti, fazia grande política ao condenar seus adversários a fazer a pequena. O mesmo esquema vale para o momento militar da política (nunca negligenciado por Gramsci). A grande política aparece nas manobras estratégicas, calcadas na superioridade logística, e a pequena aparece nas escaramuças que em nada modificam a correlação de forças militar.

CICLOS LIBERAIS E SOCIAL-DEMOCRATAS

Fazer pequena política é o que aconteceu com os liberais durante a época de hegemonia Social Democrata nos trinta anos gloriosos (do pós Segunda Guerra até a crise do petróleo em 1973).

⁴ Octaviani, A. “Hegemonia e Direito”, in: Lima, M. A. e Bello, E. Direito e Marxismo. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, p. 352.

⁵ André Singer contestou esta idéia durante o debate. Afirmando-a engenhosa, porém frágil para substituir o papel anterior desempenhado pela inserção na produção.

Até a Guerra Européia (1914-1918) a economia liberal predominou de tal forma que mesmo Keynes (um dos pais da revolução do pensamento econômico dos anos trinta) se considerava um liberal *tout court*. Os social democratas quando participaram de governos na Alemanha ou na Inglaterra nos anos vinte, não tinham uma alternativa econômica não-liberal, exceto o modelo soviético que exigia uma ditadura do proletariado que repugnava a socialistas tão acostumados à legalidade burguesa⁶.

Nos trinta anos gloriosos o terreno da política deslocou-se para a esquerda e até os anos setenta mesmo o mais ultra-liberal dos políticos não conseguiria apoio eleitoral para destruir o *welfare state*. Uma inversão aconteceu nos anos oitenta depois da crise fiscal do Estado e da queda das taxas de lucro médias nos países desenvolvidos: a esquerda socialista, ao vencer eleições na França e na Espanha (e, depois, isto se espalhou pelo mundo nos anos noventa), rendeu-se à ortodoxia liberal. É que o terreno da política deslocou-se à direita e os liberais impuseram aos esquerdistas os seus valores, condenando os socialistas à pequena política.

Diante disso, não estamos diante de nenhuma “revolução epistemológica” como afirmou criativamente e com brilho o Professor Francisco de Oliveira, mas de etapas ou ciclos já bastante estudados na historiografia política do século XX (Hobsbawm, por exemplo). E se a sociedade civil parcialmente se mercantilizou, ela continua sendo um espaço de resistência e disputa de valores.

VEJAMOS O BRASIL.

O ciclo que se inicia com a campanha das “Diretas Já!” em 1984, passa pela Assembléia Nacional Constituinte (1988), pela Frente Brasil Popular em 1989 e tem um último suspiro na campanha pelo *Impeachment* de 1992, é aquele que demonstrou a maior participação *popular* (para além mesmo da classe operária e dos movimentos sociais organizados). Note-se que o

⁶ Este é caso de Ramsay MacDonald, professor, filho ilegítimo de uma família escocesa que teve uma experiência desastrosa como primeiro-ministro na Inglaterra dos anos vinte. Não tomou nenhuma medida socialista. Aliás, ele era seguidor de Spencer e não de Marx. Lefranc, G. O socialismo reformista. São Paulo: Difel, 1974, p.40.

resultado eleitoral e político daquela ascensão das lutas populares (marcada pelo fortalecimento, até a primeira metade dos anos 90, da CUT, MST e, em menor medida, Central dos Movimentos Populares) foi decepcionante para a esquerda. *Um ciclo de ascensão e lutas acabou numa derrota eleitoral.*

Em contrapartida, a vitória eleitoral da esquerda em 2002 teve o movimento inverso do ciclo anterior. O período 1992-2002 fora marcado pelo esvaziamento das ruas e da política militante e de massas, pela contenção das greves e pelo recuo ideológico do socialismo. *Todavia, este ciclo se fechou com uma vitória eleitoral que se deveu (em nosso caso) menos à capacidade política da esquerda (embora ela não fosse de se desprezar) do que ao fracasso do neoliberalismo na América Latina.* Essa inversão aqui apontada foi decisiva para explicar o porquê o Governo Lula, apesar do apoio massivo dos trabalhadores e dos avanços que suscitou, ficou tão aquém de suas tarefas históricas. *É que a esquerda ganhou parte do poder, mas perdeu a disputa de hegemonia para os “ideólogos dos mercados financeiros”.*

Estaria Lula ainda na órbita da pequena política, sujeito aos valores do governo Fernando Henrique Cardoso ou estaria agora impondo aos adversários sua grande política? Neste caso, quando teria sido o *grand tournant*? O segundo mandato?

CONCLUSÃO DE UM DEBATE?

Talvez o problema não esteja no cotejo entre dois governos, mas no estudo do processo histórico como um todo. Lembremos daquela comparação que Marx faz em sua obra *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte*. Ele nota que o ciclo revolucionário francês de 1789-1794 é ascensional. Primeiro, as forças moderadas se impõem e a cada mutação política sucedem-se grupos cada vez mais radicais: Feuillants, Girondinos, Jacobinos etc. Na Revolução de 1848 ocorre o inverso: no primeiro ato as lideranças socialistas (Blanqui e seus camaradas) são afastadas da cena política e, em seguida, os operários (sem sua vanguarda) são derrotados no massacre de junho em Paris. A partir daí, cada força progressista é substituída por uma mais conservadora. Até que mais tarde a Comuna de Paris derrubasse os restos do Império.

Ciclo ascendente ou descendente? Talvez as eleições de 2010 nos dêem a resposta.

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM O NOVO DIRETOR DO CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIA ANTONIA, MOACYR NOVAES

POR NAYARA SANTANA

O Centro Universitário Maria Antonia é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, foi criado em 1993 e se tornou referência cultural em São Paulo. O centro promove atividades diversificadas como exposições, cursos, seminários, debates, iniciativas de arte-educação e núcleos de documentação e memória. Em 2002, recebeu o prêmio de Melhor Instituição Cultural, conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

O prédio que sedia o Maria Antonia, de 1949 a fins da década de 60, abrigou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde havia grande efervescência cultural, caracterizada pelo questionamento político fruto do contexto nacional da repressão do governo militar. Em outubro de 1968 essas agitações culminaram em um conflito envolvendo estudantes de posições ideológicas opostas e a polícia. Após esses acontecimentos a Faculdade foi transferida para a Cidade Universitária e o edifício ficou a cargo do Governo de São Paulo. Em 1991 o prédio começou a ser desocupado e devolvido à USP.

O novo diretor empossado para gerir o centro é o Prof. Dr. Moacyr Novaes, do Departamento de Filosofia, da FFLCH-USP. Em entrevista o professor declara-se muito honrado, por se tratar de um ato de confiança e de grande responsabilidade, pois o centro é referência em São Paulo, conquistada pelas gestões anteriores.

A gestão do professor Moacyr Novaes se caracteriza por um caráter de continuidade das linhas gerais e projetos de gestões anteriores, de preservar os as-

pectos positivos atrelando-os à inovação, inventividade em novos projetos e diretrizes. O professor acredita que um diretor quando entra em um projeto importante como esse tem duas missões: manter o que de bom foi feito e ter inventividade, porém não se pode ser inventivo a revelia da tradição.

Rosa Iavelberg, diretora anteriormente, abriu uma dimensão nova que foi crescendo exponencialmente com um setor educativo muito expressivo, dialogando com o educativo de outras instituições de arte e cultura. Novaes se considera responsável em continuar o trabalho de Rosa, mantendo o intento de preservar todos os projetos já consolidados.

A construção do Centro Maria Antonia se deu em um tempo relativamente rápido; o professor Novaes afirma que o Centro deu um salto a partir da gestão de Lorenzo Mammi, que anteriormente a ser professor de Filosofia era professor da Escola de Comunicações e Artes, o que simbolicamente se torna interessante, pois reflete que a USP e o Centro têm uma intenção de diálogo e de comunicação entre as áreas, e na sua gestão ele pretende gerir da mesma forma pluralista.

O papel do Centro é ser abrangente, o diálogo junto à Universidade é priorizado e a virtude e visão do centro Maria Antonia é poder integrar a universidade, assim as atividades de cultura e extensão podem ser realizadas em parcerias com outras unidades da USP. A dimensão da cultura é ligada a algumas áreas, em princípio, porém na área de extensão pode-se pensar a totalidade da Universidade e o desejo do

professor “*é que o Maria Antonia preserve e incremente esse diálogo com todas as áreas*”, afirma. A excelência em pesquisa da USP deve também ser acompanhada pela excelência da extensão.

Novaes, além das linhas gerais que pretende seguir, também quer integrar os projetos a uma arquitetura que ofereça suporte para as ações dos projetos. O projeto de reestruturação do modelo arquitetônico, premiado internacionalmente, envolve a requalificação dos prédios Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. A transformação arquitetônica é importante, pois a edificação na criação não foi planejada como um equipamento público e ela consiste na construção de uma praça central e na realocação das fachadas de modo a ficarem defronte uma para a outra, integradas pela praça, criando um ambiente interessante, que reflete a proposta de integração do Centro. É uma adaptação para que ele exerça bem sua função pública.

Faz também parte das intenções reincorporar ao conjunto arquitetônico o prédio Duque de Caxias onde funcionava a antiga escola de economia, sendo devolvido a USP. Essa revitalização dos espaços livres tem como foco o interesse em afirmar o caráter público que marcou a história desse patrimônio e também para melhor comportar os projetos e exposições.

A reforma arquitetônica também tem como objetivo dar suporte ao incremento da capacidade do Centro para abranger outras áreas de conhecimento. Assim são projetos complementares: o da arquitetura reestruturando o Centro fisicamente e requalificando os espaços, contribuindo para a memória dos aspectos históricos que marcaram o prédio e a dinâmica da expansão do seu escopo de atuação.

Há muitos projetos em andamento como o “Cultura e Pensamento” realizado juntamente com o Ministério da Cultura. É um projeto que está ainda no

início, mas que é muito promissor por si mesmo e pelo que ele irá agregar futuramente. Trata-se de um programa nacional de incentivo à reflexão e à crítica cultural cujo propósito é fortalecer espaços públicos de reflexão e diálogo em torno de temas relevantes da agenda cultural contemporânea. Esse projeto é vinculado ao Edital de Cultura e tem o anseio de se compor um acervo de revistas culturais da história do Brasil, com a parceria da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, tratando-se de um enriquecimento do projeto Brasileira USP, cuja documentação inclusive pode atrair outros documentos e coleções, dando acesso público para pesquisadores sobre o Brasil. O projeto é vinculado diretamente à diretoria do Centro, promovido pelo assessor de direção João Bandeira e o vice-diretor do Centro, Adriano Schwartz.

Também se pode destacar a iniciativa do Centro em fechar uma parceria com o projeto “Eu na USP Jr.” que visa promover visitas a museus, é uma meta do Centro entrar no calendário de atividades ainda este ano. O Maria Antonia voltará a integrar o projeto “Cultura é currículo” da Secretaria de Educação, recebendo estudantes da rede pública, havendo a proposta de, futuramente, ter parceria com museus de Ciência.

Outras duas iniciativas são: realizar uma comemoração para os 10 anos de atividades de cursos e uma publicação que seja uma reflexão sobre o conjunto de exposições de arte que o centro já abrigou, pois é uma memória que precisa ser cultivada, já que foram muitas exposições, obras e artistas importantes que passaram pelo Centro, um livro que reproduza um testemunho intelectual e iconográfico desse período todo.

A gestão do professor Moacyr pode ser sintetizada em duas vertentes: manutenção da linha geral alinhada à inventividade e evolução, tudo isso integrado com todos os setores para a união de esforços e concretização de todos os objetivos.

EVENTOS

RESUMO DA DISCUSSÃO DA PLENÁRIA “VALORIZAÇÃO DA GRADUAÇÃO”

POR ANNA JÚLIA AZAMBUJA E TAARNA MEIRA

No dia 20 de maio de 2010, na sala 102 do prédio de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH-USP, realizou-se a plenária “Valorização da Graduação: situação atual e perspectivas”, na qual foram tratados temas relacionados aos problemas que a Faculdade vem enfrentando no âmbito da graduação. A Plenária, mediada pelo Prof. Dr. Modesto Florenzano, vice-diretor da FFLCH, contou com a presença de alunos, funcionários e professores – estes, em sua maioria, Chefes de Departamento.

Muitos foram os problemas apontados pelos professores e alunos dos departamentos. Os assuntos que ganharam maior destaque durante a plenária foram:

- É de suma importância que toda a comunidade acadêmica preencha o Sistema Integrado de Avaliação (SIGA), para que se levantem os problemas da Faculdade e, assim, um posterior estudo seja realizado;
- A necessidade do uso da biblioteca e do transporte coletivo, pelos alunos que estudam à noite, traz a necessidade de repensar o curso noturno;
- Falta de ônibus para os alunos e professores realizarem as chamadas “visitas a campo”;
- Repensar um projeto para o curso de Letras (com objetivos mais definidos), flexibilizar o seu currículo e rever os conteúdos das disciplinas;

- Torna-se vital uma rede de comunicação ampla, centralizada e de fácil acesso, com a divulgação dos projetos de iniciação científica, bolsas e todas as demais informações que interessem à comunidade acadêmica;
- A valorização dada pela Faculdade à pesquisa e à pós-graduação é maior do que à graduação;
- A dificuldade em repor as vagas de professores aposentados e a necessária contratação de professores e funcionários, em um número mínimo de quarenta (para cada categoria);
- O caráter incompleto e deficiente dos números sobre a Graduação, apresentados pela Direção, demonstrando a necessidade de um conhecimento mais preciso e rigoroso da mesma;
- Necessidade dos Departamentos seguirem critérios bem definidos ao autorizarem afastamentos – aos quais os docentes têm direito (para desenvolver pesquisas ou participar de Congressos) -, para se evitarem salas superlotadas por ausência de mais de um docente no oferecimento semestral das disciplinas.

O Prof. Vagner Gonçalves da Silva, chefe do Departamento de Antropologia, no final da plenária, fez a sugestão de que sejam realizadas novas plenárias, também sugeridas por outros participantes, organizadas por pautas bem definidas, determinando a área de atuação durante a discussão e possibilitando uma melhor gestão dos problemas apontados.

1ª COLETIVA DE IMPRENSA “FUTEBOL E ÁFRICA”

POR ALVARO MARINHO MARQUES



O Serviço de Comunicação Social da FFLCH-USP realizou, no dia 24 de maio, sua primeira coletiva de imprensa, com o tema “Futebol e África”. O evento foi organizado em decorrência da Copa do Mundo no continente africano, que ocasionou uma grande demanda de jornalistas por professores especialistas sobre o assunto.

A coletiva foi mediada pelo Prof. Dr. Francisco Cabral Alambert Junior (Departamento de História), e contou com a participação do Prof. Dr. Flávio de Campos (Departamento de História), que realiza pesquisas sobre o desenvolvimento do futebol da Idade Média até os dias atuais, da Profa. Dra. Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez (Departamento de História), que é especialista em História Contemporânea da África, e do Prof. Dr. José Paulo Florenzano (PUC-SP e pós-doutorando da FFLCH), que possui experiência na área de Antropologia do Esporte.

Participaram da coletiva jornalistas de diferentes veículos de comunicação e foram discutidas diversas questões relativas ao tema, entre elas a origem do futebol na África, os problemas sociais enfrentados pela população sul-africana pós-apartheid, a importância da realização da Copa do Mundo neste continente, além do desenvolvimento deste esporte dentro da realidade africana.

O evento está disponível no site do IPTV-USP (www.iptv.com.br), no canal da FFLCH (“A Voz Eletrônica da Faculdade”). O Serviço pretende realizar no segundo semestre de 2010 mais uma coletiva de imprensa, discutindo as eleições que ocorrerão no Brasil em outubro deste ano.



3º SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA

POR ALVARO MARINHO MARQUES

Aconteceu, entre os dias 26 e 30 de abril, no Departamento de Geografia, o 3º Simpósio Ibero-americano de História da Cartografia, realizado pelos laboratórios de Geografia Política, de Estudos de Cartografia Histórica e de Estudos sobre urbanização, arquitetura e preservação (FAU-USP). As edições anteriores ocorreram em Buenos Aires (2006), e na Cidade do México (2008).

Na abertura do evento, o Prof. Dr. Antonio Carlos Robert Moraes (DG-FFLCH/USP e Presidente da Comissão Organizadora) enfatizou a importância de compreender a história da Cartografia como um campo interdisciplinar e, isso se reflete na lista dos pesquisadores que participaram do evento, vindos de diferentes áreas do conhecimento (Geografia, Botânica, Arqueologia, Arquitetura, Urbanismo) e nos di-

versos eixos temáticos do simpósio: História da Cartografia na América Latina; Mapas, Expedições, Viagens e Etnocartografia; Cartografias da Independência; Representação do Território e Cartografia Urbana; Acervos de Cartografia e Novas Tecnologias; e Cartografia Histórica: ensino, técnicas e difusão.

O professor ainda defendeu o argumento de que o tema discutido é estratégico para nós, que vivemos em sociedades pós-coloniais, onde a apropriação dos espaços é uma determinação básica de nossa formulação teórica, além de atentar para a importância fundamental do debate para o enriquecimento da área.

Durante toda a semana, houve mesas-redondas, conferências e comunicações livres, com a contribuição de estudiosos de diferentes países. No espaço do evento também ocorreu a exposição “Dois Séculos de projetos no Estado de São Paulo”, coordenada pelo Prof. Dr. Nestor Goulart Filho (FAU-USP), que apresentou imagens e textos do desenvolvimento urbano e urbanístico do estado paulista, inseridos no livro lançado dentro do Simpósio, que recebe o mesmo nome.

Além deste livro, houve o lançamento de outras publicações. São elas: “O Brasil nos Velhos Mapas” (Jaime Cortesão), “Geografia, tradições e perspectivas. A presença de Pierre Monbeig” (Amália Inês G. de Lemos e Emerson Galvani), “Desenhando São Paulo: Mapas e Literatura 1877-1954” (Maria Lucia Passos), “Anais do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico” (Manoel Fernandes de Sousa Neto e Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim), “Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia” (Jean-Marc Besse), “Anais do Museu Paulista, v. 17, nos 1 e 2, 2009” (Dossiê Especial de História da Cartografia, org. Iris Kantor e Beatriz Bueno), “Bandeirantes Paulistas no Sertão do São Francisco: Povoamento e Expansão Pecuária de 1688 a 1734” (Márcio Santos) e “Orden Natural y Orden Social: ciencia y política en el Semanario del Nuevo Reyno de Granada” (Mauricio Nieto Olarte).

As palestras do evento estão disponíveis no site do IPTV-USP (www.iptv.com.br), no canal da FFLCH (“A Voz Eletrônica da Faculdade”).

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

ANDAMENTO DA REFORMA DOS PRÉDIOS

POR ANDRESSA FEROLLA CARDOSO

As reformas nos prédios da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), continuaram acontecendo, porém, com um ritmo mais lento em virtude das paralisações causadas pela greve na USP, iniciada em 05 de maio. No Prédio da História e Geografia o estacionamento pavimentado foi concluído e entregue. A obra da rampa, com a troca de piso e adequação à acessibilidade estava prevista para a primeira semana de junho, bem como a troca das lousas e seus rebaixamentos, com a retirada das plataformas das

salas de aula. A construção de dois Anfiteatros, o da História e o da Geografia, está em processo de licitação, o mesmo acontece com a construção da nova lanchonete. O Anfiteatro de Geografia está em fase de acabamento e o término está previsto para início de julho. Futuramente será realizada a reforma do antigo espaço da lanchonete que abrigará a EDUSP e a Seção de Alunos e, conseqüentemente, a reforma do espaço atual da EDUSP que vai se transformar em um espaço para os terceirizados (limpeza, vigilância).

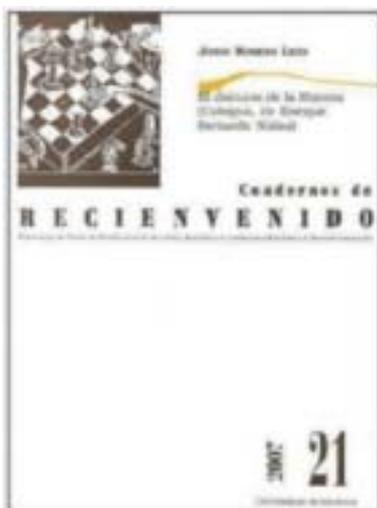
No Prédio das Ciências Sociais, os auditórios das salas 24 e 118 estão em fase de conclusão, no Auditório da sala 24 as poltronas, que foram adquiridas recentemente, já estão sendo instaladas e a reforma está praticamente pronta, faltando apenas terminar o sistema de som. O estacionamento foi todo reformado, teve suas vagas redermacadas e o item faltante, em virtude da greve, se refere à transferência da cancela. Ainda neste prédio, os problemas com a caixa de abastecimento de água já foram resolvidos – o prédio ficou aproximadamente três dias com funcionamento prejudicado em virtude da falta de água ocasionada por problemas com a caixa d'água. A construção do banheiro para a equipe de manutenção, obra já definida pela Direção a ser realizada pelos próprios funcionários da manutenção, deve ter início com o término da greve. Em relação ao Projeto de Iluminação, os trabalhos estão concluídos neste prédio. O PURE fará as avaliações necessárias para comprovar a eficiência energética e somente após isso o projeto pode ser implementado em outro prédio. A próxima unidade em que se pretende aplicar o projeto é o Prédio de Letras visto que é uma das que mais apresenta problemas de iluminação.

No Prédio de Letras foram colocados forros em alguns locais, nos quais ainda havia indefinição sobre a instalação. A área no entorno de toda a construção foi gramada e a interligação entre as partes, antiga e nova do prédio, receberá piso Paviflex. Também serão instalados bebedores nos banheiros dos três pavimentos, com previsão de início em 28 de maio. O projeto dos alunos para reforma do espaço do Cael, espaço dos alunos, não foi aceito pela Coesf, que o readaptará em termos de redimensionamento.

A reforma dos banheiros do bloco 1 está momentaneamente paralisada em virtude da necessidade de substituição de tubulação, o que não estava previsto no projeto inicial. Em detrimento de tais fatos, a reforma foi paralisada e será retomada após o término das negociações sobre as tubulações.

Na Casa de Cultura Japonesa está previsto o início da ampliação do Laboratório de Estudos da Intolerância (LEI) e no Prédio da Administração está prevista a remarcação das vagas do estacionamento da entrada principal e a readequação da rampa para deficientes. A Diretoria manifestou o interesse de reformar todo o prédio e a reforma será iniciada em breve. A reforma do telhado do prédio será realizada assim que as atividades forem retomadas.

PRODUÇÃO DA FACULDADE



CUADERNOS DE RECIEVENIDO 21/2007

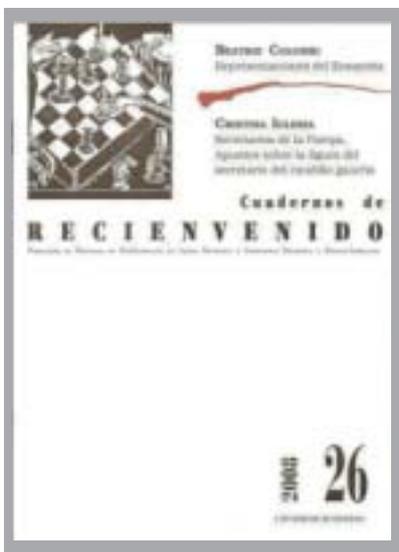
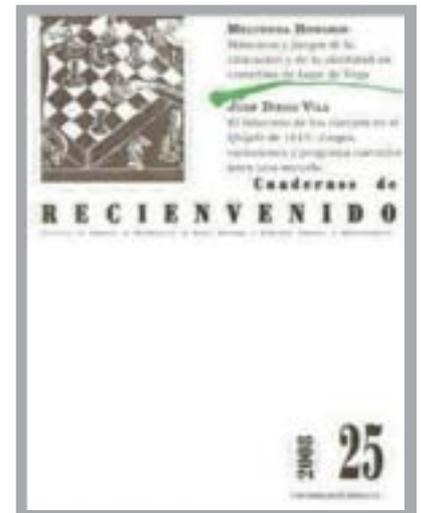
JORGE ROMERO LEÓN

Esta instigante leitura de Cubagua(1931) de Enrique Bernardo Núñez indaga as estratégias narrativas desse romance. A partir dessa questão, o autor ilumina a peculiaridade caribenha dessa experiência história e traz a um primeiro plano o discurso narrativo no conjunto de uma produção literária que privilegiou a poesia e as formas menores como o manifesto.

CUADERNOS DE RECIENVENIDO 25/2008

MELCHORA ROMANOS E JUAN DIEGO VILA

Os dois trabalhos publicados neste volume permitem-nos acompanhar os percursos de dois estudiosos que desvendam as formas de composição próprias do século XVII ibérico. Melchora Romanos analisa os percursos da relação entre amor e pedagogia na construção de protagonistas das comédias urbanas de Lope de Vega; Juan Diego Vila analisa as relações entre a primeira e a segunda parte da obra de Cervantes, envolvendo em particular as posições entre protagonista e antagonista, estruturada sob o eixo da análise das tensões e representações do feminino e masculino, perpassadas por variadas nuances de rotismos.

**CUADERNOS DE RECIENVENIDO 26/2008**

BEATRIZ COLOMBI

Neste volume Beatriz Colombi traz um estudo sobre as representações do sujeito da enunciação no ensaio hispano-americano, a partir dos primeiros expoentes no século XIX, desenhando tipos centrais: o polemista, o profeta e o maestro a partir de noções teóricas de Adorno, Foucault e Echevarría.

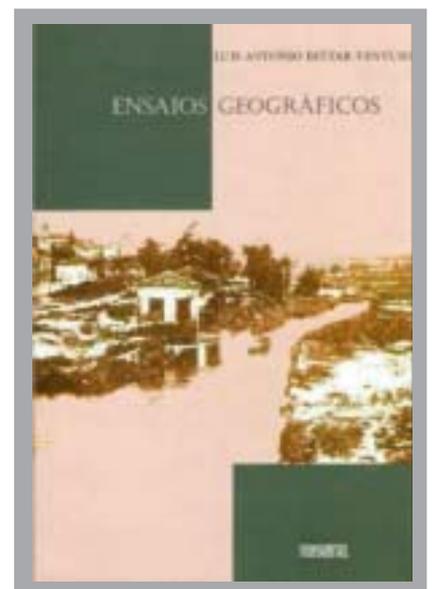
Cristina Iglesia analisa a figura de letrados e intelectuais hispanoamericanos que exerceram função de secretários e escrivãos para os gauchos-caudillos em campos de batalha, no período das guerras civis que se seguiram à Independência argentina.

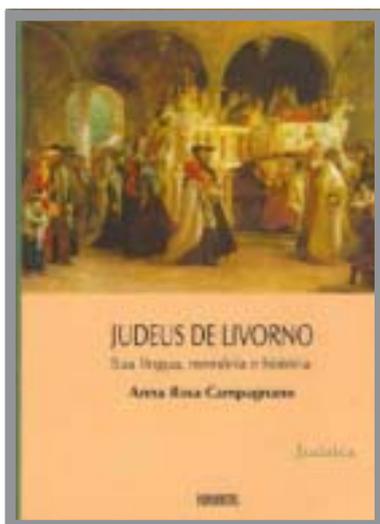
ENSAIOS GEOGRÁFICOS

LUIS ANTONIO BITTAR VENTURI

O livro Ensaios Geográficos reúne algumas reflexões de interesse dos alunos de Geografia. Na primeira parte, tratam-se de questões epistemológicas e conceituais, abrangendo recursos naturais, técnica, paisagem, além da problematização da pesquisa. A segunda parte traz resultados parciais de pesquisas na área de recursos naturais e ocupação e uso do território.

Finalmente, a terceira parte compõe-se de reflexões acerca do cotidiano acadêmico, como grade curricular de Geografia, o papel da universidade e a extensão universitária.





JUDEUS DE LIVORNO

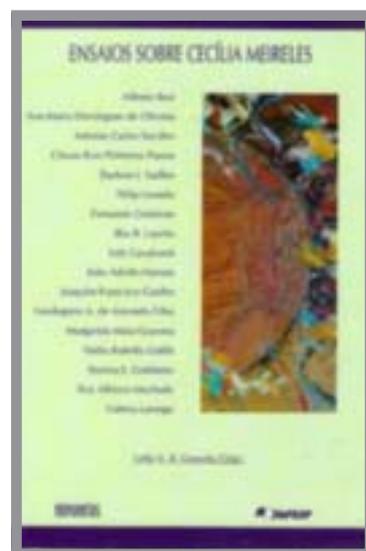
ANNA ROSA CAMPAGNANO

A autora resgata, nesse livro, um fragmento de vida cultural italiana e de memória judaica pouco conhecido. Sua pesquisa nos permite entrar em contato com o bagito, um dialeto da comunidade judaica da cidade de Livorno, na Itália, que pode ser considerado uma língua de memória, ou seja, através da qual podemos recuperar informações históricas bastante importantes, da Renascença ao século XX, podendo ser considerada língua de defesa, língua de salvação e língua de memória.

ENSAIOS SOBRE CECÍLIA MEIRELES

LEILA V.B. GOUVÊA (ORGS.)

Um sobrevôo sobre o conjunto da obra poética, por Alfredo Bosi; um sutil olhar sobre a construção do auto-retrato, na ótica de Nádia Battella Gotlib; um ensaio inovador sobre as obras-primas de Solombra escrito por João Adolfo Hansen. Estas são algumas das “pedras de toque” do mosaico crítico sobre a obra multifacetada e a personalidade literária de Cecília Meireles, composto por este livro. Seu ponto de partida foi o Seminário Internacional realizado na USP, em 2001, em celebração ao centenário de nascimento da escritora. Nesse entretempo, a coletânea absorveu ainda artigos de outros pesquisadores. Dezesete estudos sobre Cecília Meireles traz agora ao leitor textos de autoria de renomados ensaístas e professores do Brasil, dos Estados Unidos e de Portugal, num conjunto de abordagens que expande, enriquece e atualiza a fortuna crítica da autora do Romanceiro da Inconfidência.



O CONTO ÍDICHE NO BRASIL,

de HADASA CYTRYNOWICZ e GENHA MIGDAL, apresenta, em alguns contos traduzidos, o Brasil dos imigrantes judeus originários da Europa oriental, que trouxeram na bagagem o ídiche. Trata-se de um idioma formado no correr da Idade Média, como repositório da experiência daqueles em cujas vidas se alternavam momentos de relativa estabilidade e de perseguições atroz. À base alemã do ídiche, somaram-se elementos do hebraico, do aramaico e de línguas às quais os judeus estavam expostos, como o russo e o polonês, resultando, no séc. XIX, em uma literatura de porte, com destaque para nomes como Sholem Rabinovitch e I.L. Peretz.



SANTAS E SEDUTORAS AS HEROÍNAS NA BÍBLIA HEBRAICA,
de ELIÉZER SERRA BRAGA. O tema deste belo volume do estudioso Eliézer Serra – as mulheres na Bíblia Hebraica, no Talmude e no Novo Testamento – é dos mais relevantes e fascinantes, à época e circunstâncias em que vivemos, em pleno século XXI. As sociedades patriarcais, tantas vezes, relegaram a mulher à posição secundária e subalterna, ao menos na ordem masculina predominante e na literatura prescritiva e normativa. Mais do que isso, os leitores posteriores, tanto no Medievo como na Modernidade, buscaram na literatura antiga justificativas para as desigualdades e exclusões das mulheres da vida social em suas épocas, a partir de leituras (...).

VIAGEM AO REDOR DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

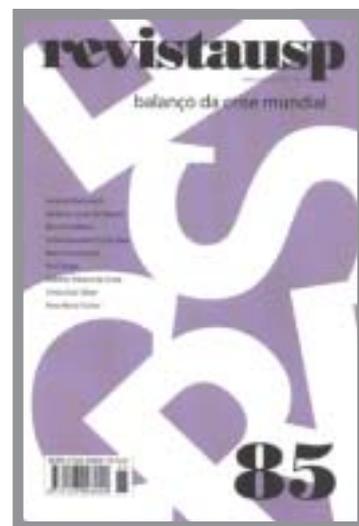
Um grupo coordenado pelo Professor Willi Bolle (do Departamento de Letras Modernas da FFLCH) e por Modesto Florenzano (Vice-Diretor da FFLCH) realizou no ano passado uma visita a algumas instituições de ensino nos arredores da Cidade Universitária para observar qual a realidade encontrada em cada uma delas.

As instituições visitadas foram a Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo, o Colégio Santa Cruz, a Escola Estadual João Cruz Costa, a Escola Estadual Clorinda Danti, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Amorim Lima, a Escola da Vila e a Escola Estadual Alberto Torres. Essa seleção de instituições contou com o auxílio de Martha Pimenta que há alguns anos já havia realizado um trabalho no entorno da USP.

A “Viagem ao redor do Campus da Universidade de São Paulo” foi uma das atividades postas em prática em comemoração aos 75 anos da FFLCH. Apesar de a palavra viagem pressupor um grande deslocamento geográfico, essa ficou restrita aos bairros do Alto de Pinheiros, Butantã e Jaguaré. No entanto, o deslocamento ficou por conta, nas próprias palavras do Professor Bolle “[pela possibilidade de] *conhecer um recorte representativo do país, na medida em que os bairros vizinhos [a Cidade Universitária] oferecem amostras expressivas dos extremos da escala social*”.

É interessante ressaltar que a maioria dos “viajantes” já esperava o fato de haver uma grande diferença de infra-estrutura entre as escolas públicas e privadas e realmente isso foi comprovado em partes. O que foi de grande surpresa para os presentes é o fato de algumas escolas públicas, devido aos esforços de diretores e docentes, possuírem uma infra-estrutura e um ensino tão bom quanto aquele encontrado nas escolas particulares, ficando as diferenças entre elas pela forma com que cada instituição é administrada.

Outro ponto que merece destaque dessa viagem foi a tentativa de refletir o contexto atual nas mais diversas variáveis do cotidiano, como cita o Professor Bolle: “a meta dos professores e pesquisadores da FFLCH desde a sua fundação é pensar a realidade brasileira em todas as suas dimensões – social, econômica, política, educacional religiosa e cultural – e nela intervir no sentido de democratizar o conhecimento”, conclui.



TWITTER DA FFLCH



Desde o início de maio, a FFLCH-USP passou a integrar a rede social Twitter, uma das mais importantes no meio digital, e utilizada por políticos, organizações, além de outras unidades da USP, como a EACH, o Centro Universitário Maria Antonia, entre outros. Um dos objetivos da inclusão da Faculdade nesta rede social é a possibilidade de estreitar o relacionamento desta com seus diferentes públicos.

O conteúdo deste espaço consiste na divulgação dos eventos futuros da FFLCH, dos novos vídeos disponibilizados no canal da Faculdade do site do IPTV/USP (“FFLCH/USP - A Voz Eletrônica da Faculdade”), das defesas de dissertações e teses que acontecerão, além do encaminhamento de informações de outros perfis, relevantes para os seguidores da FFLCH.

A recepção foi considerada positiva pelo Serviço de Comunicação Social, responsável pela administração do perfil da FFLCH no Twitter, já que no início de julho esse já havia atingido a marca de 500 seguidores, refletindo a importância deste espaço.

O endereço do Twitter da FFLCH é: www.twitter.com/fflch_usp.

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 57 - maio a agosto de 2010



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717
Cidade Universitária – CEP 05508-900
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091-1513

